

**ACESSO AOS REGISTROS SONOROS:  
ELEMENTOS NECESSÁRIOS À REPRESENTAÇÃO  
BIBLIOGRÁFICA DE DISCOS E FITAS**

**APRESENTAÇÃO**

Antes de iniciar propriamente o texto deste estudo, gostaria de fazer minhas as palavras de Solange Mostafa em sua tese (1985, p. 8): “*Eu mudei junto com a tese. Ao fazer a tese eu me refiz*”. No meu caso, a mudança deveu-se às disciplinas cursadas, em especial às de Pesquisa em Educação. Essas disciplinas me conduziram a leituras que, de início, esperava usar como embasamento à pesquisa. Ao invés, me levaram por “*tortuosas trilhas*” (como bem disse Chico Buarque) e, creio, a uma perspectiva diferente na abordagem do tema.

A primeira mudança foi a descoberta da interrelação total entre as denominadas “especialidades” ou “áreas do conhecimento”. Não é preciso pedir licença de uso, como um direito de propriedade, ou “tomar por empréstimo” teorias desenvolvidas por estudiosos voltados a outros aspectos das ciências humanas. De modo geral, o fazemos um tanto envergonhados, quase a pedir desculpas, pois nos julgamos incapazes de construir nossa própria teoria, como se esta devesse ser, obrigatoriamente, própria e exclusiva. Essa idéia de totalidade do conhecimento não está presente, apenas, nas “grandes áreas”, mas se contém, ou se deve conter, em cada parcela de nosso trabalho cotidiano. Nesta linha de pensamento iniciou Adorno suas *Idéias para a Sociologia da Música* (1980, p. 259):

*“Para dar uma idéia da sociologia da música, segundo os hábitos científicos estabelecidos, seria preciso delimitar o seu campo, dividi-lo em áreas, fazer a resenha dos problemas, das teorias e dos principais resultados a que chegou a pesquisa, para no final tentar uma sistematização. A sociologia da música seria uma das várias sociologias-de-alguma-coisa. (...) O conceito essencial da sociedade, entretanto, que não só abarca todas as chamadas áreas parciais, mas comparece por inteiro em cada uma delas, não é um mero campo de fatos mais ou menos interligados, nem é uma classe lógica suprema, à qual se pudesse chegar pela progressiva generalização. Ele é em si mesmo um processo, um nexos que se produz e produz os seus momentos parciais, uma totalidade no sentido de Hegel. Diante dele, subsistem somente os conhecimentos que, pela reflexão crítica sobre aquele processo, acertem a totalidade tanto como os seus momentos parciais.”*

Outra mudança, originada na anterior, foi compreender o sentido real de nossa profissão e as teorias que lhe estão vinculadas. Novamente me reporto a Mostafa (1985, p. 138-139):

*“A difusão da informação necessita ser entendida como um momento de criação. E é aqui que o bibliotecário-cientista da informação precisa se posicionar entendendo que os homens disputam a posse dos meios de produção e portanto disputam a posse dos conhecimentos sobre os meios de produção. (...)”*

*A excessiva concentração da produção intelectual já é resultado da contradição básica da sociedade baseada na apropriação dos meios de produção*” [grifo do original].

Esse trecho, aliado a outros da mesma autora, me permitiu ver o sentido da Biblioteconomia como instrumento de socialização do conhecimento registrado, visando à emancipação – esta é a palavra-chave – de todos os seres humanos. Irati Antonio (1994, p. 89) afirma: *“Somente haverá conhecimento se a informação puder significar transformação; a biblioteca somente terá sentido quando conseguir manter uma ação social transformadora.”*

Em conseqüência, também pude perceber que a esmagadora maioria de nossas instituições e nossos serviços se dirige àqueles que já detêm uma parcela desse conhecimento, ou seja, ao invés de buscarmos *“uma ação social transformadora”*, trabalhamos para uma estrutura solidificada.

Ao mesmo tempo, confortavelmente instalados em teorias e práticas não questionadas, partimos dos registros do conhecimento para chegarmos... a outros registros do conhecimento. De certo modo nos assemelhamos ao “louco dos livros”, como descrito por Manguel (1997, p. 333-334). O símbolo explícito desse percurso são as representações gráficas do fluxo da informação, sempre levando a novas (realmente novas?) informações. Sintomaticamente, sua imagem mais aceita consiste num círculo.

A última descoberta, pessoalmente a mais importante, foi desvelar a existência de um “muro do silêncio” de duas faces. A primeira caracteriza-se por ignorar qualquer linha de pensamento divergente; “fazendo de conta” que o diferente não existe; a referenciação mútua se restringe aos que concordam entre si, e raros autores fogem a este pacto. Senti-me um pouco como o personagem do Coronel Correia em *Lealdade*, de Márcio Souza (1997, p. 103): “[...] havia algo mais: um novo espírito. Sentava-me durante horas, todas as tardes, e lia. Durante muito tempo aqueles livros me ocupariam e desmontariam as minhas certezas ingênuas com o espanto de criptogramas decifrados”.

A segunda face se caracteriza pela ignorância mesma; a quantidade de documentos é tão grande e nossos serviços, tão desorganizados e incomunicáveis, que apenas conseguimos saber da

existência desses textos através do contato pessoal, direto, com outros interessados no tema e, ou, amigos. A chegada à “Ilha do Tesouro” ainda se dá por acaso; embora talvez não por acaso seja este seu caminho.

Mostafa (1985, p. 5) apontou a “*esterilidade*” – termo usado pela autora – da polêmica entre a Biblioteconomia e a Ciência da Informação, analisando a origem das concepções de ambas as correntes (tema ao qual voltarei no capítulo 3). Essa visão restrita do mundo, identificada por Mostafa, talvez explique porque, apesar dos inúmeros dados, teorias, fórmulas, pesquisas e normas, ainda permanecemos tão distantes de nossos próprios usuários e, mais longe ainda, dos usuários potenciais.

Quando de minha dissertação de mestrado (Mey, 1986, publicada em 1987), nas conclusões, levantei teorias e hipóteses a serem posteriormente testadas e era exatamente isto o que pretendia com esta pesquisa. Agora, percebo a necessidade de uma revisão crítica da dissertação e, em consequência, das próprias conclusões obtidas.